

Da utopia à distopia: Oswald, Drummond e o Modernismo

Carina Dartora Zonin

The socio-historical context of Brazil in the twentieth century enhances the modernist avant-garde inspiration. In this sense, we observe the formation of the ideals of renewal in the light of critical thought essayist and poet Oswald de Andrade, focusing our attention on testimony and interviews the writer about his conception of modernism in order to understand the tensions that have historically, pervade literature and society. Then, as a time representative of the reach of the vanguard principles, we consider the production of Carlos Drummond de Andrade, reflecting on the forms as revealing the compositional dynamics of genres, especially poetry that, to the detriment of the supremacy of classical thought, incorporates social tensions, his own production environment. In this perspective, we will promote dialogue possible among assumptions oswaldianos and drummondiana poetry, showing, in different proportions, the clash between tradition and avant-garde. To do so, as the north for the development of the proposal, consider the reflections of Oswald through the collections *Estética e política* (1992) and *Os dentes do dragão: entrevistas* (1990) and Drummond poetry anthology *A rosa do povo* (1945) because it's a time to peak of lyricism social, engaged and participating, which devotes its pioneering heritage, taking out a central purpose of this study.

Keywords: tradition; vanguard; poetic discourse, social tensions, meaning effects.

O contexto sócio-histórico do Brasil, no século XX, potencializa o Modernismo de inspiração vanguardista. Neste sentido, propomos observar a formação dos ideais de renovação à luz do pensamento crítico do ensaísta e poeta Oswald de Andrade, centrando nosso olhar nos depoimentos e entrevistas do escritor acerca de sua concepção de modernismo, com o intuito de perceber as tensões que, historicamente, perpassam literatura e sociedade. Em seguida, como um momento representativo do alcance dos princípios vanguardistas, consideraremos a produção de Carlos Drummond de Andrade, refletindo acerca das formas composicionais como reveladoras da dinâmica dos gêneros discursivos, especialmente, a poesia que, em detrimento da supremacia do pensamento clássico, incorpora as tensões sociais, próprias de seu contexto de produção. Nesta perspectiva, procuraremos promover possíveis diálogos entre os pressupostos oswaldianos e a poesia drummondiana, evidenciando, em diferentes proporções, o embate entre a tradição e a vanguarda. Para tanto, como norte para o desenvolvimento da proposta, consideraremos as reflexões de

Carina Dartora Zonin é mestrandia em Literatura Brasileira, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com apoio de bolsa CNPq, realiza pesquisa sobre a poética de Carlos Drummond de Andrade na perspectiva da teoria polifônica de Mikhail Bakhtin, sob a orientação da Profa. Márcia Ivana de Lima e Silva. Endereço do Programa de Pós-Graduação em Letras: Av. Bento Gonçalves, n. 9500, Caixa Postal: 15002, Cep: 91501-970, Porto Alegre (RS), Brasil. Fax: (51) 3308-6712 Tel.: (51)3308-6699. E-mail: carinadzonin@yahoo.com.br.

Oswald através das coletâneas *Estética e política* (1992) e *Os dentes do dragão: entrevistas* (1990) e a poesia de Drummond através da antologia *A rosa do povo* (1945), por ser esse um momento de auge do lirismo social, engajado e participante, que consagra sua herança vanguardista, levando a efeito um dos propósitos centrais deste estudo.

Palavras-chave: tradição; vanguarda; discurso poético; tensões sociais; efeitos de sentido.

1 Considerações iniciais: caminhos que se (entre)cruzam pelo diálogo

Neste estudo, propomos refletir acerca das tensões sociais que, em diferentes contextos, constituem pontos relevantes para pensarmos o diálogo entre história e literatura, em que a formação desta abrange uma representação significativa daquela. Assim, partiremos dos conflitos gerados pela noção de modernidade no século XX, evidenciando o alcance destes nos pressupostos de Oswald de Andrade que, significativamente, protagoniza o pensamento estético e ideológico que inclui a literatura neste novo cenário.

Para tanto, observaremos o enfrentamento entre os princípios conservadores, filiados ao pensamento tradicional, e os ideais de renovação vanguardistas. Por este viés, veremos sociedade e literatura como espaços que absorvem, com mais ou menos intensidade, um ou outro estilo, evidenciando, assim, o grau de centralização ou descentralização do pensamento do homem em sociedade e da própria linguagem literária. Neste sentido, o contexto de produção sobressairá como aquele espaço que motiva tanto a idealização das formas composicionais, representadas pela tradição e pela vanguarda, quanto a naturalização destes princípios formais que, na poesia de Drummond, atingem a mais alta realização.

Deste modo, através do diálogo Oswald-Drummond, buscaremos refletir acerca da dimensão que, historicamente, abrange a concepção de modernidade. Sendo assim, é produtivo pensar a crítica oswaldiana como aquela visão que se forma dentro e junto com o movimento vanguardista (visão-de-dentro) e a poesia drummondiana, como aquela manifestação que se forma fora, ou seja, depois que a experiência da vanguarda se cumpriu (visão-de-fora). Nesta perspectiva, consideraremos o pensamento crítico de Oswald como ponto de partida para o pensamento acerca do modernismo e a poesia de Drummond como manifestação do amadurecimento deste ideário que até então se desenvolveu.

Para tanto, buscaremos respostas para a seguinte questão de pesquisa: Que princípios movem a (re)ação vanguardista promovida por Oswald e qual o alcance destes na poesia de Drummond, tendo como intermediação os ideais modernistas? Sendo assim, partiremos de uma reflexão acerca das tensões histórico-sociais na formação do pensamento idealizado pela vanguarda para, em seguida, situar a discussão em tempos mais descentralizadores. Passemos a ver tais influências sob a perspectiva ufanista de Oswald de Andrade.

2 O contexto da utopia: o modernismo de Oswald

De um modo significativo, a ideia de modernidade pressupõe o avanço social, político, econômico e histórico almejado para o país em vias de desenvolvimento. Nesta

perspectiva, a arte e a literatura necessitam de manifestações mais engajadas com o contexto de produção para que se cumpra, efetivamente, a emancipação nacional do país pelas vias do progresso e da incorporação deste no pensamento estético e ideológico das instâncias formativas. Este ideário, que institui a modernidade como eixo central para a ascensão do Brasil no mundo de países e de espíritos intelectuais desenvolvidos, potencializa os pressupostos idealizados por Oswald que, contra a tradição, defende a renovação e fomenta uma literatura de caráter, essencialmente, vanguardista.

Oswald incorpora em seu ideário o movimento característico das tensões sociais que elidem a modernidade à altura dos anseios de emancipação e progresso. A nova arte, portanto, deve exaltar estes valores e pela sua função social, muitas vezes exacerbada, confundindo-se como uma espécie de arte pedagógica ou formativa, testemunhar e anunciar os tempos promissores. Em palavras de Oswald, “a geração de intelectuais que encabeça o movimento de renovação [...] há de dirigir os destinos do país. Ela saberá tomar conta da política como da imprensa, da orientação social como da estética e pedagogia”.¹

Pela crença ufanista, Oswald constitui um pensamento, ao mesmo tempo, unificador das tensões entre literatura e sociedade e utópico, já que a plena realização de seus pressupostos implica em representações artificializadas que revelam muito mais o desajuste entre as aspirações de emancipação e o atraso que co-manda o país que logo subverte a esperança depositada no progresso e na urbanização. Pelo ufanismo com que destaca a grandeza do contexto histórico-social, Oswald leva adiante a experiência equivocada dos românticos e se constitui como uma espécie de Brás Cubas dos tempos modernos, uma alegoria do Brasil e dos brasileiros que, afeiçoados ao progresso europeizado, (re)vivem a máscara dos tempos idos pelo sonho de pertencimento. Pela ruptura com a tradição literária, representada, especialmente, pelo formalismo dos parnasianos e pela evasão dos simbolistas, Oswald devolve a palavra ao povo e através dele restitui a esperança de um mundo livre da herança escravocrata e que volta a caminhar em direção ao desenvolvimento, espiritual e político:

Que significa, diante do europeu ilustre, esse silêncio do homem abandonado, do homem do povo do Brasil? Pela vossa pena, escritores, o homem do nosso povo descerrou a boca, falou. Depôs no palácio da consciência nacional. Convoco ele quebrou o silêncio secular do seu exílio e iniciou o debate do nosso inferno social. [...] Vós sois as vozes da sociedade, as vozes do nosso país e do nosso tempo! [...] Hoje [...] o Brasil pode pisar o trilho aberto para as conquistas do futuro. Ao lado da Itália, da França e da Grécia. Ao lado da Inglaterra, dos Estados Unidos, da China e da Rússia. [...] Nada mais queremos do que ‘exterminar a opressão e aniquilar os agressores do mundo civilizado’.²

É a ‘Idade do Ouro’ que volta como potencial para os novos tempos em que se restitui ao máximo a esperança da consagração do ‘país novo’, renovando a ânsia pelo êxito e pelo grito de independência ao mundo. Neste novo cenário, a literatura se constitui como engajamento e participação e, assim:

Não há poesia sem uma certa música verbal. Tão particular que se lhe devia dar outro nome. Desde que essa música fere os ouvidos feitos para escutá-la, há poesia. Acrescentemos, porém, que uma coisa tão mesquinha – algumas vibrações sonoras, um pouco de ar removido – não pode ser o elemento principal e muito menos único que compromete o mais íntimo de nossa alma.

Cascavéis da rima, fluxo e refluxo das aliterações, cadências previstas ou dissonantes, nenhum desses belos ruídos alcança a profunda zona onde fermenta a inspiração. Mas são as palavras que transmitem o fluido misterioso que nos toca. Estabelecem-se por irradiação e impulso a magia e o contágio. Contanto que tenhamos em nós o fio-terra. [...] Então a mensagem alcança o seu destino. Não importa a vestimenta quadriculada ou não do mensageiro.³

Se, por um lado, os ideais vanguardistas inspiram renovação e liberdade criativa, por outro, ao eleger São Paulo como centro mais preparado para protagonizar os ideais de renovação, os modernistas se filiavam a um poder, no mínimo, conservador tanto por intuir a supremacia do espaço como por acontecer graças ao apoio institucional e econômico do capitalismo, o que revela na sua base um pouco das contradições que perpassam as forças ‘contrárias’ ao sistema dominante. E, mesmo que por caminhos inversos:

Já não se contesta que é um movimento vitorioso. E universal. No Brasil, muita gente se espanta porque pensa que isso é inovação brasileira. Quanta tolice! Entanto, é no Brasil que o Modernismo se acha ainda indeciso. Nos países da Europa tudo se renova depois da grande guerra [...] O século XX vai achando a sua expressão. Isso sem se formar escola. Arte livre. Artista independente, sem preconceitos, sem fórmulas consagradas. Sair de uma escola para obedecer a novas regras é cair noutra escola. Resultará nenhum o esforço de libertação. A vitória do Modernismo é indiscutível, como o triunfo do telefone, do avião, do automóvel.⁴

Ao invés do espírito, puramente, contraditório e reacionário, o que fica de Oswald é, de modo concreto, o legado da renovação e da libertação, senão do país, ao menos da literatura, especialmente, da poesia. E, tudo isso, sem saber ao certo seu alcance:

– Evidentemente, a Semana de Arte Moderna foi de há muito superada pelo tempo, ultrapassada, como inevitavelmente seria. Seu máximo valor, entretanto, residiu no espírito que animou o movimento [...] que desejava fazer arte própria, nacional, verdadeiramente brasileira. [...] Ainda é cedo para que façamos um julgamento seguro, definitivo, do ativo e passivo do movimento. O lapso de tempo decorrido ainda não possibilita distância para uma perspectiva ampla e desapaixonada, e o julgamento seria por certo injusto, quando não completamente falho.⁵

Não há como seguir, necessitamos deixar fluir o tempo, dar voz ao poeta da geração de 45 e vermos “[...] se é verdade que Drummond nasceu de mim”⁶, quero dizer, de Oswald; aquele Andrade que, aos olhos do outro num lapso valor de penitenciário, ‘engarrafava a pedra do caminho’, e o ‘vasto mundo’ de seu coração. Deixemos, pois, que fale a poesia!

3 A distopia do contexto: a modernidade em Drummond

O século das luzes, euforicamente, anunciado em 1922 vai, aos poucos, cedendo para raios menos intensos, feitos de medo, de sombra, de noite. Aqui, Oswald silencia o canto de exaltação e, mais resignado e menos ufanista, ressurge nas vozes drummondianas. É

chegado o momento de olharmos mais de perto a obra edificante que Oswald, utopicamente, lutou, pois, afinal, de tudo fica um pouco e em *A rosa do povo* (1945) ficou o legado da libertação do poeta das formas idealizadas, potencializando mais vida ao texto poético, que é vasto e contém multidões em si.

O poeta de *No meio do caminho* concentra, logo no início da antologia, a forte tendência vanguardista dada pela supremacia do texto poético em detrimento da forma composicional. São tempos em que a liberdade de criação nega o lirismo bem comportado para incorporar as tensões sociais que afloram de tempos sujos, impuros, por excelência. Ouçamos, então, as vozes que inauguram o tom da série através de *Consideração do poema*:

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.⁷

A poesia moderna alcançou o desenraizamento almejado pelo processo de urbanização e potencializado pela vanguarda. Na poesia, as tensões entre as formas composicionais inspiradas pela tradição e pelos ideais de renovação estão naturalizadas e o poeta joga com os seus sentidos. Assim, vamos sentindo a naturalidade com que o poeta transita entre as esferas mais elevadas e as mais rentes ao chão e sobre o seu canto nos diz que:

Ele é tão baixo que sequer o escuto
ouvido rente ao chão. Mas é tão alto
que as pedras o absorvem. [...]

Como fugir ao mínimo objeto
ou recusar-se ao grande? [...]⁸

Nos últimos versos, majestosamente, a voz do poeta nos faz recordar as formas duras com que João Cabral de Melo Neto elide a sua poesia, recusando, por completo, as tensões que perpassam literatura e sociedade em prol da defesa da arte pura, distante das contaminações do cotidiano e, residindo aí sua maior grandeza, já que formas exacerbadas podem levar à literatura massificada, enfraquecendo seu valor estético. Eis que chegamos, assim, ao final do poema: “[...] Tal uma lâmina/ o povo, meu poema, te atravessa”.⁹ Efetivamente, a dureza da pedra e a lâmina cortante na poesia drummondiana apresentam uma natureza dialógica, que, até mesmo numa leitura silenciosa, falam e nos revelam formas, aparentemente fechadas, que, quanto mais obscuras, mais falam. No segundo poema da série, no entanto, o poeta parece se fechar mais e procurar o resguardo das formas composicionais e, em tempo de homens sós, de divisas, de meio silêncio, sobrevêm a necessidade de *Procura da poesia*:¹⁰

Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,

há calma e fresca na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.¹¹

Por mais fechada ou por mais aberta que se revele a voz poética, os tempos não são mais o das formas fixas e pensar o mundo contemporâneo como aquele espaço que só admite uma ou outra forma de expressão artística é um equívoco: nem as pretensiosas formas parnasiano-simbolistas nem as idealizadas pelo ufanismo vanguardista. Em Drummond, as formas idealizadas ora pela tradição, ora pela vanguarda, passam a conviver e se constituem como horizontes possíveis para a criação poética, que, assim como as palavras, elas saltam, se beijam e se dissolvem.

A mão pesada do tempo abate a esperança e anuncia ao mundo uma existência *gauche*, própria da condição do homem moderno e do espaço urbano por excelência. É a face do homem destituído de utopia, que revela um mundo artificial, impuro, inexplicável e, sob a harmonia do medo, segue o baile do homem só. Nada. Nem o passar do tempo traz o sossego dos áureos tempos, aqueles que, quando criança, ainda meio envoltos pelo manto divino, irradiam a crença oswaldiana que, euforicamente, anuncia a boa nova. E a criança se fez homem, se fez máquina, se fez pedra; túmulo, sepultando a certeza e deixando, ao menos, um pouco de esperança que, quem sabe, um dia chegue, finalmente, pela voz inconformada do poeta de *Cidade prevista*, o território de homens livres, a pátria de todos, em que todos viverão como irmãos, num país de todo homem.

Ao final da antologia, através do *Canto ao homem do povo Charlie Chaplin*, as vozes falam com mais euforia, própria dos modernistas mais expostos à galhofa e, aí, forma e conteúdo silenciam qualquer apego à tradição e falam, instintivamente. Eis que o ser-objeto-mudo fala e, através dele, falam Oswald, Drummond e o modernismo. Não há silêncio e não há voz que sucumbe neste diálogo, feito da euforia do minuto e da mão pesada do tempo! Ouçamos, pois, um pouco mais deste diálogo inconcluso.

4 Considerações finais: o que fica deste início de conversa...

De um modo significativo, procuramos refletir em nosso estudo acerca da (re)ação da vanguarda através dos tempos. Neste sentido, elegemos dois momentos-chave para pensarmos o embate entre tradição e renovação: um positivo, em que as forças idealizadoras sobrevivem, e outro que nega qualquer perspectiva ufanista. Através do diálogo literatura-sociedade, podemos pensar acerca do processo de urbanização como um início relevante para a ideia de ‘país novo’, em perspectiva de desenvolvimento, e se constitui num horizonte positivo absorvido pelos ideais vanguardistas de Oswald. O mundo moderno, no entanto, nega a utopia e prescreve o atraso em detrimento do progresso, podando o sonho em prol de uma realidade problemática e defeituosa que invade o mundo inteiro, especialmente, o modernismo de Drummond. Para tanto, partimos da seguinte questão de pesquisa: Que princípios movem a (re)ação vanguardista promovida por Oswald e qual o alcance destes na poesia de Drummond, tendo como intermediação os ideais modernistas?

Um passo adiante na reflexão e estamos com Antônio Candido, em seu texto *Literatura e subdesenvolvimento*,¹² que, ao refletir acerca da ideia de ‘país novo’ contrapõe a de ‘país subdesenvolvido’. Segundo o autor, até mais ou menos 1930, predomina a noção de país novo que ainda não pudera se realizar, mas que reserva grande potencial de progresso futuro, sustentando, de forma positiva, a crença nacional (ideais românticos). A partir de 1950, predomina, entre as elites, a noção de país subdesenvolvido, momento em que os ideais de desenvolvimento aos moldes europeus se

revelam distantes do espírito do homem brasileiro (tendência anti-lírica). A primeira perspectiva destaca a pujança virtual e a grandeza não realizada, enquanto a segunda, a pobreza atual, a atrofia, o que falta, não o que sobra.

Nesta perspectiva, as tensões histórico-sociais são absorvidas pelo ufanismo de Oswald (país novo) e pela dimensão trágica em Drummond (país subdesenvolvido), diferentemente de Cabral, que as transcende e constitui um estilo próprio (poesia em estado de pureza). Seguindo as máximas de Candido, dizemos que a perspectiva positiva de progresso e desenvolvimento é conservada por Oswald num tempo em que sobrevive a ‘consciência amena do atraso’, que ainda conserva a esperança de o país conquistar sua independência cultural, social, econômica, política, própria dos países desenvolvidos; já Drummond, assim como Cabral, vive o contexto da ‘consciência catastrófica do atraso’ e absorve a negação de qualquer utopia.

Da utopia do contexto ao contexto da distopia, convém pensar as tensões sócio-históricas como significativas para o engajamento da literatura de tipo ufanista e de tipo dramática. Oswald e Drummond viveram o tempo de auge de tais pensamentos antagônicos e souberam encontrar um meio de estreitar os laços entre literatura e vida. Este um dos ganhos primordiais do movimento vanguardista que, ao promover a literatura desenraizada, revela como possível existir poesia em formas novas de composição, ampliando o horizonte conceitual e a liberdade de criação poética. Deste modo, a literatura passa a reconhecer a poesia entre os homens e não mais como algo concebido distante do mundo da vida; a poesia assim como a prosa participa da história e dá voz aos renegados por ela, (re)elaborando, para tanto, uma nova história, uma nova sociedade e uma nova poesia.

Entre a preservação da tradição e as formas novas, prevalece o estilo composicional que elide em primeiro plano a própria obra de arte. Com a relativização das formas de criação poética é improdutivo pensar em tipos melhores ou piores, já que constituem um mesmo horizonte de possibilidades de criação. A atitude estética revela uma questão de gosto particular de quem aprecia a criação artística, mas não define parâmetros mais gerais ou universais de valoração hierárquica. Nesta perspectiva, a ideia de a vanguarda romper, definitivamente, com as formas tradicionais é improdutiva frente à amplitude gerada por sua ação. Oswald, por seu espírito ufanista, apostou mais na ruptura do que na harmonização das formas composicionais que em Drummond estão naturalizadas.

O ufanismo e a utopia deixam de influenciar a mentalidade do homem moderno que, vivendo, efetivamente, o mundo co-mandado pelo progresso acelerado, não tem tempo nem espírito para euforias reacionárias e acaba ce-den-do, pressionado pela mão pesada do tempo, transformando-se num ser resignado, desenganado que vive o mundo caduco, certamente, distante daquele idealizado por Oswald e próximo, muito próximo da perspectiva reacionária de Drummond. Esta que mantém vivo o legado vanguardista que se revela através das vozes simples e humildes que fazem brotar, por entre o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio, uma flor, uma forma insegura e feia, que, no país dos Andrades, um dia, ao menos na fantasia, revelou-se a rosa do povo aberta...

Notas

¹ ANDRADE, Oswald de. *Os dentes do dragão: entrevistas*. 2 ed. São Paulo: Globo, 1990, p. 39.

² ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1992, p. 94-96.

³ *Idem*, p. 112.

⁴ ANDRADE, op. cit., 1990, p. 38.

⁵ *Idem*, p. 211.

⁶ *Idem*, p. 222.

⁷ DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 115.

⁸ *Idem*, p. 116.

⁹ *Idem, Ibidem*.

¹⁰ *Idem*, p. 117-8.

¹¹ *Idem, Ibidem*.

¹² CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000, p. 140-62.